



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

DAYANNE DE ARAÚJO LINS MENEZES

**O PAPEL DA ESCRITA DIARÍSTICA, DAS PERIPÉCIAS E DA
INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM ALICE NO
ROMANCE “QUARENTA DIAS” DE MARIA VALÉRIA REZENDE.**

**CAMPINA GRANDE- PB
2020**

DAYANNE DE ARAÚJO LINS MENEZES

**O PAPEL DA ESCRITA DIARÍSTICA, DAS PERIPÉCIAS E DA
INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM ALICE NO
ROMANCE “QUARENTA DIAS” DE MARIA VALÉRIA REZENDE.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE- PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L759p Lins, Dayanne de Araujo.

O papel da escrita diarística, das peripécias e da intertextualidade na construção da personagem Alice no romance "Quarenta dias" de Maria Valéria Rezende [manuscrito] / Dayanne de Araujo Lins. - 2020.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves. , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Personagem. 4. Escrita diarística. 5. Intertextualidade. I. Título

21. ed. CDD B869.3

DAYANNE DE ARAÚJO LINS MENEZES

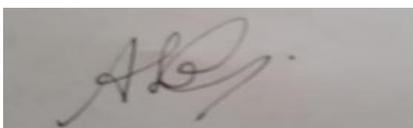
O PAPEL DA ESCRITA DIARÍSTICA, DAS PERIPÉCIAS E DA
INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM ALICE NO
ROMANCE “QUARENTA DIAS” DE MARIA VALÉRIA REZENDE.

Trabalho de conclusão do curso (Artigo)
apresentado à coordenação do curso de Letras-
língua portuguesa da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial de obtenção do
título de licenciatura em Língua portuguesa.

Área de concentração: Teoria e Crítica
Literária.

Aprovada em: 23/12/2020.

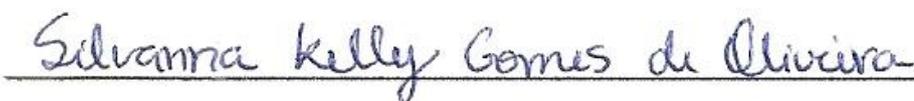
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves. (ORIENTADORA)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Me. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Deus e à Nossa Senhora do Carmo, por sempre me protegerem, me conduzirem e me iluminarem. Aos meus pais, ao meu esposo e a toda minha família por todo apoio e carinho. Aos meus filhos, por serem minha força de viver. A todos os meus professores, pois sem eles eu não teria chegado até aqui, e de modo especial aos meus amigos: Eridnaide, Janaína, Thiago e Eliezer, que se doaram em uma amizade sincera e recíproca, DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A PERSONAGEM NA NARRATIVA LITERÁRIA	8
2.1	A construção da personagem “Alice” no romance Quarenta Dias (Maria Valéria Rezende	10
2.2	A intertextualidade na construção da personagem no romance contemporâneo	14
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	18

**O PAPEL DA ESCRITA DIARÍSTICA, DAS PERIPÉCIAS E DA
INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM ALICE NO
ROMANCE “QUARENTA DIAS” DE MARIA VALÉRIA REZENDE.**

Dayanne de Araújo¹

RESUMO

A personagem é um dos elementos mais instigantes do romance, sua construção analisada e discutida desde o século XVIII passou por diversas transformações, mas sempre na tentativa de compreender como o autor em sua sensibilidade e genialidade combina os recursos literários, que dão vida a personagens tão intensas e complexas a exemplo de Alice, protagonista do romance “Quarenta dias”, um dos mais premiados da autora e romancista Maria Valéria Rezende. A pesquisa será aplicada quanto à sua natureza e qualitativa quanto à sua abordagem, buscando compreender os processos analisados. Este artigo apresenta uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois busca aprofundar e refletir acerca da construção da personagem com base no romance “Quarenta dias” e fundamentado a luz das teorias de Cândido (2007), Brait (1985), Gancho (2006) entre outros. Ressaltaremos o conceito de personagem desde os estudos aristotélicos e como esse conceito atualmente analisado e discutido pela crítica literária se aplica no romance contemporâneo, bem como a importância da escrita diarística, das peripécias e da intertextualidade nessa construção.

Palavras-chave: Romance. Quarenta dias. Construção. Personagem.

ABSTRACT

THE ROLE OF DAILY WRITING, PERIPHERIES AND INTERTEXTUALITY IN THE
CONSTRUCTION OF THE CHARACTER ALICE IN THE NOVEL “QUARENTA DIAS”
BY MARIA VALÉRIA REZENDE

The character is one of the most provoking elements of the novel; its construction has been analyzed and discussed since the 18th century and has undergone several transformations as well, but always in an attempt to understand how the author in his sensitivity and genius combines the literary resources which give life to (intense and complex) characters as Alice, the protagonist of the novel “Quarenta dias”, one of the most awarded by the author Maria Valéria Rezende. In this sense, this research presents a study based on an applied nature and qualitative as to its approach, seeking to understand the analyzed processes. This article presents a bibliographic research as it seeks to deepen and reflect on the construction of the character from the novel “Quarenta dias” and based on the theories of Cândido (2007), Brait (1985), Gancho (2006) among others. We will emphasize the concept of character from Aristotelian studies and how this concept has been currently analyzed and discussed by literary criticism and how it is applied in the contemporary novel, as well as the importance of diary writing, adventures and intertextuality in this construction.

Keywords: Novel. Quarenta Dias. Construction. Character.

¹- Graduanda do curso de letras- língua portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (Campina Grande – PB) E-mail: dayannealm@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

O gênero romance, que começou sua trajetória nos antigos folhetins, conquistou leitores de todas as idades e lugares, desde os mais criteriosos aos menos pretenciosos. A narrativa romanesca se tornou a representação mais significativa da tênue linha entre o real e o ficcional, de maneira instigante, profunda e complexa. O gênero, a priori de origem francesa, chegou ao Brasil na metade do século XIX. A obra “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, é considerada o primeiro romance folhetinesco publicado em terras brasileiras em 1844.

Segundo Gancho (2002), o romance, ainda no século XIX, já buscava refletir sobre a sociedade burguesa, podendo ser classificado de acordo com as suas inúmeras temáticas, sejam elas relacionadas ao amor, aventura, ficção científica, psicológico, dentre outros. No entanto, durante muito tempo, o “lugar” das produções literárias, inclusive dos romances, foi ocupado por nomes e sobrenomes majoritariamente masculinos. As mulheres eram apenas personagens, que ilustravam as narrativas de um universo ficcional, construídas por narradores na maioria das vezes masculinos. Assim como no mundo real patriarcal, em que elas eram comumente silenciadas.

Ainda no século XIX, segundo Souza e Pedro (2012), Maria Firmino dos Reis é reconhecida como a primeira romancista (mulher/negra) brasileira, e mesmo diante de inúmeras objeções publicou o romance “Úrsula¹, instigando outras mulheres a lutarem e ocuparem seus espaços na literatura e conseqüentemente na sociedade. Desse modo, um novo capítulo começava a ser escrito, mas dessa vez por mulheres que, com suas produções, ressignificaram e contribuíram para a construção da literatura brasileira e, respectivamente, do romance.

Romancistas a exemplo de Clarice Lispector (1920-1977), Lygia Fagundes Telles (1923), Raquel de Queiroz (1910- 2003), dentre outras mulheres, ressignificaram e ressignificam a produção literária feminina, trazendo ao Romance novas concepções, rompendo, inclusive, com diversos paradigmas. Maria Valéria Rezende representa com maestria essa produção. A escritora nasceu em 1942, na cidade de Santos (SP), lugar onde cresceu e viveu até a adolescência. Recebeu o título de cidadã paraibana ao escolher a Paraíba para residir.

Possui formação em Literatura e Língua Francesa, Pedagogia e Mestrado em Sociologia, dedicou sua vida à educação popular, viajando pelo Brasil e por todos os continentes trazendo às suas obras, mais especificamente aos seus romances, uma nova perspectiva/ experiência literária.

Escreveu contos, crônicas, ensaios e romances, mas neste artigo focalizamos a Maria Valéria Rezende enquanto romancista, com ênfase em um de seus últimos romances “Quarenta Dias”, que recebeu o 1º lugar no Prêmio Jabuti, categoria romance, em 2015. Além desta premiação, a obra foi semifinalista no prêmio Oceanos, também em 2015 e finalista no Prêmio Estado do Rio de Janeiro, mais uma vez em 2015. O romance vencedor de inúmeros prêmios narra a história de Alice, protagonista da narrativa, que após uma abrupta mudança da Paraíba (PB) para Porto Alegre (RS), busca ressignificar sua vida e sua identidade “perdida” em meio ao caos. Na tentativa de fugir de tudo que a sufocava, a personagem Alice se lança na capital sulista a procura do conterrâneo “Cícero Araújo” e, durante os quarenta

¹ Úrsula é um romance de autoria da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis publicado em 1859. É considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. O romance foi publicado com o pseudônimo "uma maranhense" abordando em seu enredo o Brasil escravocrata.

dias de andanças, ela encontra a si mesma, através de uma Alice que emerge dos estereótipos, da invisibilidade e segregação humana.

Autora de outros romances, a exemplo de “Vasto Mundo (2001)”, “Voo da Guará Vermelha (2005)” “Outros cantos (2016) e “Carta a Rainha Louca (2019)”, Maria Valéria Rezende é um dos nomes consagrados da Literatura Contemporânea Brasileira. Em “Quarenta Dias”, narrativa concisa e contestadora, experimenta uma escrita que transborda as linhas e entrelinhas do seu próprio enredo. Seus personagens nos surpreendem a cada peripécia²e, sutilmente, nos levam ao encontro com o nosso eu. A protagonista “Alice” contempla a inconstância e os conflitos da vida humana, sua imprevisibilidade é decorrente de todas as relações que a permeiam, sejam elas estéticas, externas ou psicológicas, sua construção e transfiguração. Desse modo, pretendemos mostrar como as peripécias são imprescindíveis para a construção e transfiguração da personagem Alice no romance “Quarenta Dias”.

Neste artigo, pretendemos mostrar como a narrativa diarística, as peripécias e a intertextualidade são mobilizadas na construção da personagem protagonista no romance contemporâneo “Quarenta Dias”.

2 A PERSONAGEM NA NARRATIVA LITERÁRIA

Quando pensamos no romance, remetemo-nos à figura da personagem. Um dos elementos mais complexos nos gêneros narrativos, dos mais concisos aos mais densos, a exemplo do romance. É a mistura entre o ser real e o ser fictício que suscitou e suscita diversas discussões, desde a tradição aristotélica até os dias de hoje.

Brait (1985) afirma que a personagem, até meados do século XVIII, era vista e analisada basicamente à luz da *mimeses aristotélica*³. Se pensarmos, ainda, nos séculos XVI e XVII, encontramos o poeta latino Horácio reafirmando os conceitos de Aristóteles e concluindo que a personagem é concebida por intermédio da imitação do real, atribuindo-lhe um caráter pedagógico, pois ressalta a importância de enfatizarmos os aspectos morais do ser humano e da sociedade por intermédio do ser fictício.

Já no século XVI, o escritor inglês Philip Sidney não só reafirmou as ideias postas por Aristóteles e Horácio como também atribuiu à literatura um caráter virtuoso, por meio do qual a personagem imita, extrai e reproduz “o melhor” do ser humano, voltando-se para os aspectos moralizantes que, durante muito tempo, circundavam a personagem fictícia.

Com a chegada do século XVIII e XIX, esses conceitos referentes à personagem entraram em declínio. Novas concepções começam a surgir, uma vez que, também se reconfigurava um novo mundo e, conseqüentemente, um novo público leitor. Contudo, somente no século XX essas mudanças aconteceram de forma mais profunda, emerge-se uma nova concepção voltada não apenas para o gênero literário (romance), mas também para a construção da personagem, o que mudaria a nossa forma de ler, compreender e nos relacionar com o gênero em toda a sua completude.

² A peripécia consiste, segundo Aristóteles[...] na súbita mutação dos sucessos, no contrário; e esta inversão deve produzir-se de modo verossímil e necessário” [...] A peripécia constitui ingrediente característico do teatro, mas pode ocorrer na poesia épica tradicional e no romance.”. Moisés M. Dicionário de termos literários. 2004, p. 396.

³ Do gr. mimesis, “imitação” (imitatio, em latim), designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mimesis-mimese/>

Segundo Brait (1985), as discussões em torno da construção da personagem fictícia só são retomadas e ressignificadas a partir da publicação da obra “*Teoria do Romance*” (1920), de György Lukács, na qual o autor buscava, de certo modo, se distanciar das teorias já postas e defendidas por Aristóteles e Horácio, enquanto afirmava ser a personagem uma figura determinante das estruturas sociais.

Contudo, Brait (1985) afirma que somente em 1927 os estudos literários nos levaram a compreender a personagem como uma construção de quesito literário e de autoria, traços, comportamentos e características provenientes de mecanismos advindos do próprio autor. O livro *Aspects of the novel* de E. M. Forster, romancista e crítico inglês, apresentou e problematizou a nomenclatura dada às personagens, subdividindo-as enquanto planas ou redondas, classificação essa até hoje estudada e discutida pela crítica literária.

Gancho (2006) não só ressalta essa classificação, como também reitera que as personagens do tipo planas são aquelas que apresentam características e comportamentos típicos, através de pequenos atributos que são facilmente identificados pelo leitor. Em algumas narrativas, o uso de personagens típicos, e conseqüentemente invariáveis, colaboram para o caráter narrativo do texto; a dona de casa, a solteirona, a viúva, a velha, o caloteiro, o bêbado, o político. Não falamos de construções simplórias, mas sim de personagens que, em um determinado contexto, colabora para a progressão do enredo e construção ficcional e verossímil da obra com sua estrutura plana.

Por sua vez, os personagens são classificados enquanto redondos quando apresentam características e modos de ser mais complexos, comparados aos de classificação plana. São personagens por vezes mais inconstantes e invariáveis, inclusive no que diz respeito aos quesitos psicológico, social e moral. Gancho (2006) também ressalta que esses personagens podem ser caracterizados, compreendidos e vistos por diferentes perspectivas dentro do próprio romance, de acordo com o ponto de vista do narrador, de outro personagem ou até mesmo do próprio leitor.

A concepção da personagem enquanto produto do enredo só começa a ser efetivamente consolidada a partir dos estudos de Edwin Muir (1928) e dos formalistas, entre eles Victor Erlich (1955), que compreendia a obra (romance) como um conjunto de signos organizados que buscam cria-la e significá-la, não sendo a personagem uma mera imitação do real, mas produto do enredo e da estrutura específica do próprio romance. Logo, os estudos formalistas representados por Roman Jakobson (1896-1982), Tzvetan Todorov (1939-2017), Claude Bremond (1929), entre outros, levaram os estudos da narrativa por uma direção exploratória nas suas mais diversas possibilidades estruturais, como afirma Brait (1985).

Desse modo, por mais real que uma personagem aparente ser, ela é basicamente uma representação de uma estrutura lógica e coesa, elaborada e dirigida cautelosamente pelo próprio autor. Conforme afirma Cândido,

A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluída, variando de acordo com o tempo e as condições de conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2000, p. 55).

Contudo, é comum observarmos uma certa predileção não só por parte dos romancistas, mas também do próprio público leitor por personagens de classificação redonda, justamente por compreenderem esse caráter volátil e camaleônico como uma característica dessa criação. Esse certo favoritismo, possivelmente liga-se a relação que o leitor estabelece com o texto literário, pois é notório que este muitas vezes se aproxime, pelo critério de identificação, de narrativas que possuam personagens que lidam com conflitos que se assemelham aos seus; por mais que estejamos falando de um ser fictício.

Notamos que esses mecanismos causam um certo “afastamento” de dicotomias que insistiam em intitular a personagem como uma figura benfeitora ou malfeitora, lidamos agora com seres inseridos em seus próprios dilemas a partir do seu próprio universo. A necessidade do leitor de reconhecer a si próprio ou compreender seus próprios dilemas, sejam eles internos ou externos, a partir do ser fictício, instiga a produção de personagens aparentemente imprevisíveis e até “bem reais”, mas que na verdade são tecidos e delimitados pelo próprio autor, bem como citamos e parafraseamos os autores anteriormente.

Assim sendo, “o romance moderno procurou, justamente, aumentar cada vez mais esse sentimento de **dificuldade** do ser fictício, diminuir a ideia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre ao trabalho de seleção do romancista.” (Candido, 2007, p. 56, grifo nosso). Contudo, a quebra desse esquema aparentemente fixo e a utilização de mecanismo de cunho psicológico, social, moral e estético não só constituem a narrativa contemporânea, como decorrem na estruturação de uma personagem complexa aparentemente imprevisível e ilimitada.

As peripécias (abordadas de maneira verticalizada nos próximos tópicos e somadas a outros recursos narrativos na construção da personagem Alice) dizem respeito a um termo utilizado desde a poética clássica para se referir aos acontecimentos e situações repentinas que acometem a narrativa, mas na nossa leitura mostraremos que essas também desempenham uma função muito importante na construção da personagem no romance de Maria Valéria Resende. A cada peripécia, a personagem se constrói e se transfigura. Como na vida real, as relações com os outros personagens e com os novos fatos que vão sucedendo redesenham a personagem, sua forma de pensar e agir:

A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado, se o compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas. (CANDIDO, 2007. P. 56).

Desse modo, as personagens redondas/esféricas despertam a imprevisibilidade humana, mas não como uma espécie de “cópia” da realidade, uma vez que seria “inviável” conhecer e trazer à narrativa todos os traços referentes aos modos-de-ser das pessoas. Discutimos isso quando contrapomos a construção da personagem a partir dos conceitos de *mimeses* aristotélica, já substituído pelos estudos formalistas. Se compreender a totalidade humana já representa algo inimaginável ao mundo real, tampouco conseguiríamos trazer essa totalidade ao universo literário.

Logo, reiteramos que por mais instigante e imprevisível que a personagem pareça ser, ela é sempre um ser fictício, construído a partir de recursos literários. Não podemos e nem devemos separar abruptamente a relação entre pessoa (real) e personagem (ficcional), mas precisamos, enquanto leitores, compreender como os recursos literários são importantes para a construção da persona e como podemos analisá-los a partir do romance contemporâneo. Adentraremos com mais afinco nessa discussão no próximo tópico.

2.1 A construção da personagem “Alice” no romance *Quarenta Dias* (MARIA VALÉRIA REZENDE)

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita da personagem na obra em estudo, apresentaremos, de forma breve, uma síntese do enredo do romance analisado. “*Quarenta Dias*” narra a história de Alice, professora aposentada, paraibana, viúva e mãe de uma única filha, Norinha. Alice dedica sua vida a cuidar e lidar com o comportamento peculiar da filha e dos familiares, abdicando muitas vezes até mesmo do seu próprio bem estar. Porém, as coisas

começam a tomar rumos diferentes quando Norinha passa a morar e estudar em Porto Alegre-RS e decide levar a mãe para morar no sul do país, vislumbrando nela a oportunidade de ter alguém que cuide do filho que agora fazia parte dos planos de Norinha e de seu esposo.

A mudança da mãe para a capital sulista seria a opção perfeita para o jovem casal. Alice, desde o princípio, mostra-se resistente. Os planos de Norinha não eram os seus planos e não poderiam ser. Sentindo-se obrigada pela família e pelos amigos, Alice viaja contra sua vontade. Ao chegar a Porto Alegre, ela passa a viver em um apartamento escolhido pela própria filha, que desconsidera seus gostos e seus costumes.

Dias após a chegada da mãe, Norinha organiza um jantar na sua casa a fim de revelar à mãe a “boa nova”: o plano do filho precisava ser adiado, pois uma pós-graduação esperava Norinha no exterior e a viagem já aconteceria nos dias seguintes. Alice não conseguia imaginar como a própria filha poderia agir daquela forma, como ela poderia ser tão insensível, inconsequente e irresponsável com a própria mãe. Este foi o estopim necessário para que Alice iniciasse suas andanças sem rumo e nem direção, a procura de um rapaz chamado Cícero Araújo, filho de uma amiga paraibana, que não tinha notícias do rapaz desde que ele veio trabalhar em Porto Alegre- RS. A dor de Alice foi impulsionada pela dor daquela mãe e pela vontade de sumir/ desaparecer de todo aquele caos, perdendo-se pelas ruas e vilas da cidade enquanto buscava a Cícero e a si mesma. Foram vários dias perambulando pelas ruas, conhecendo e vivenciando diversas histórias e realidades.

Por fim, com ajuda de uma moradora de rua que se tornou sua amiga em meio às andanças, Alice consegue voltar pra o seu apartamento, visivelmente debilitada. Por fora ela, definitivamente, já não era a mesma pessoa, por dentro muito menos.

Segundo Brait (1985), “Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artificios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas.” (BRAIT, 1985, p. 53). Parece difícil para o leitor compreender como tais “poções” são dosadas a ponto de se criar uma criatura tão complexa (personagem), que adentra facilmente ao nosso eu, com dilemas muitas vezes tão nossos.

Estabelecer o limite entre o ser real e o ficcional não é uma tarefa tão fácil, uma vez que, conforme Brait (1985), a personagem pode ser “tirada” das mesquinhas do cotidiano, dos pesadelos, sonhos, mundo real ou imaginário do autor, assim como do leitor. Essa relação é inegável, mas ela só atinge sua materialidade e se constitui propriamente enquanto personagem, a partir de um jogo de linguagens e mecanismos que permitem não só sua construção, mas também sua presença e movimentos no texto.

Na construção da personagem Alice, de Maria Valéria Rezende, destacamos algumas dessas porções ou recursos para discutirmos aqui. O primeiro recurso narrativo que consideramos importante nesta construção diz respeito à figura do narrador, elemento que não pode passar despercebido nessa discussão. Afinal ele não apenas conduz o desenrolar do enredo, como também descreve e apresenta a personagem ao leitor, isso tanto a partir da caracterização externa, quanto psicológica.

Maria Valéria Rezende, ao tecer Alice, utiliza propositadamente o gênero diário para as páginas do romance. Por meio deste recurso, a apresentação da personagem é feita por ela mesma, sem presumir mediações, fato que permite ao leitor uma aproximação com a personagem a partir do seu próprio relato e que o leva, também, a compreender com mais clareza os pensamentos e conflitos psicológicos da própria personagem, sem intromissão de um narrador de fora que, sob sua percepção, traçaria esse caminho entre o leitor e a personagem. Brait (1985), afirma que

No artifício do diário, o emissor, a voz narrativa, não pressupõe um receptor. Dessa forma, cada página procura expor “a vida” à medida que se desenvolve flagrando a existência da personagem nos momentos decisivos de sua existência, ou pelo menos nos momentos registrados como decisivos. (BRAIT, 1985, p.61).

O diário em “Quarenta Dias” é um artifício importante para pensarmos na construção de uma personagem que foge da linearidade. No romance, Alice usa de um caderno encontrado na sua mudança e apelidado ironicamente de “Barbie” como seu único receptor, seu confidente. Enquanto ela escreve para si, a fim de tentar se encontrar em meio ao caos e compreender como tudo aconteceu, vemos diante de nós a personagem tomando traços, características, vocabulário, manias. Alice preenche as páginas com aquilo que lhe vem à memória, considerado fragmentos relevantes para serem escritos ou necessários para lhe dar a sensação de alívio e possibilitar o desprendimento de tudo que a sufoca. E, dessa forma, adentramos o interior da personagem e estreitamos os laços com o universo vivido por ela, como mostra o seguinte exceto:

Ninguém vai ler o que escrevo, mas escrevo. É a única maneira de voltar inteiramente, se é que ainda dá pra fazer meia-volta-volver. Mas tento, por isso deixo quieto lá no quarto-de-hóspede- escritório o meu dinossauro eletrônico tão bem conservadinho e quero mesmo o manuscrito, deixar escorrer tudo direto do corpo pra caneta e pro papel. (REZENDE, 2014, p. 18).

O diário, enquanto uma espécie de monólogo, é um mecanismo utilizado para construir a caracterização referente à interioridade de Alice, espaço esse de constantes e ferrenhos conflitos. Dessa forma, a personagem se constitui com base naquilo que ela vivencia, relembra, expõe e canaliza, através de mecanismos de defesa⁴, como diria a psicanálise freudiana, para a escrita. Brait (1985) afirma ser tarefa do leitor seguir a personagem através de cada palavra, cada pista, cada elocução. Dessa forma, iremos perseguir esse ser e compreender como a narrativa diarística, as peripécias e a intertextualidade desempenham um papel crucial nessa construção e garantem a existência da própria personagem. A forma como Alice descreve a si própria no início do romance não é simplesmente o discurso de uma personagem que opina e fala sobre si. Essa construção também parte da maneira como ela compreende sua existência naquele meio e como os discursos de outros personagens, a exemplo de Adelaide e Norinha, prima e filha respectivamente, são internalizados por Alice e contribuem diretamente na construção do ser e agir da protagonista.

Então, por mais que seja um romance em que a própria personagem se apresenta ao leitor, isso não parte de uma só perspectiva. Existem, também, personagens secundários que influenciam nessa construção, através de discursos que são internalizados e, assim como em “Quarenta Dias”, são materializados através do “desabafo” da protagonista.

É perceptível o grande conflito vivido por Alice, mostrando o quanto as abdições a fizeram sofrer, embora ela tenha se formado, conseguido seu lugar, sua independência. Com o passar dos anos, ela se tornou cada vez menos dona de suas próprias vontades, vivendo e sendo aquilo que as pessoas gostariam que ela fosse ou que projetassem e estereotipassem irresponsavelmente, fator que nos lembra dos mecanismos de construção ideológica da personagem, como mostra o seguinte trecho:

E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mija e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala [...] (REZENDE, 2014, p. 14).

⁴ Os mecanismos de defesa são as estratégias do ego, de forma inconsciente, para proteger a personalidade contra o que ela considera ameaça. São, também, os diversos tipos de processos psíquicos, cuja finalidade é afastar o evento que gera sofrimento, da percepção consciente. Acesso: <https://www.psicanaliseclinica.com/mecanismos-de-defesa/>

O diário é para Alice um espaço catártico, nutrido de suas reminiscências, que nos levará a compreender como o próprio enredo irá ressignificar e transfigurar a existência de Alice. Desse modo, podemos também compreender o que Brait (1985) chama de articulação verbal, um recurso que parte da sensibilidade do autor, bem como da sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar os seus movimentos e complexidades nos seres que habitam o mundo verossímil da narrativa (romance).

Rezende usa com maestria esses recursos e permite-nos contemplar Alice enquanto uma personagem em sua plena totalidade. E dessa forma “... nos chegamos personagens cuja consistência apontam para escrituras que, espelhando os secretos movimentos da realidade, criam e impõem os seus próprios movimentos.” (BRAIT, 1985, p. 67).

Alice é um exemplo das personagens esféricas definidas por Forster, segundo Cândido (2007), não apenas por ter mais de uma ou duas dimensões, mas também pela sua capacidade de nos surpreender e mais ainda de nos convencer.

Rezende usa de uma linguagem simples, com expressões comuns e características da oralidade, por vezes até com ausência de sinais de pontuação, tudo a fim de estreitar os espaços entre a personagem e o leitor a partir dos relatos, reflexões e questionamentos feitos por Alice à confidente “Barbie” (diário) no fluxo das ideias e lembranças. Vemos isto no trecho: “Enfim, Barbie, eu me autoajudava como podia. / Eita mulher equilibrada que eu era, naquele tempo! Achava / Vamos, coragem, que a história só está começando. Vou só um minuto ao banheiro e volto. Não saia daí, viu, Barbie? (REZENDE, 2014. p. 32).

Alice, enquanto paraibana, professora, aposentada, viúva e mãe de Norinha, é descrita e construída a partir do viés social segundo Gancho (2000). Desse modo, configura-se uma mulher dedicada e passiva, que dará lugar a uma Alice de certa forma arisca e áspera. A personagem dedicou-se exclusivamente a sua profissão e sua casa enquanto buscava sempre atender e agradar os gostos e modos da filha Norinha, que fora criada sem a figura paterna, pois Antenor, seu pai, representa um dos inúmeros desaparecidos no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Essas caracterizações sociais e psicológicas da personagem são indispensáveis, tanto para a verossimilhança da obra, quanto para compreendermos a maneira como a personagem se constituiu e como essa construção será colocada a prova no decorrer das inúmeras peripécias que ocorrem no romance.

Candido (2007, p.57) afirma, quanto à construção das personagens, que essas “[...] não se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde jorra a cada instante o desconhecido e o misterioso.” E, por isso, as peripécias possuem uma certa singularidade em “Quarenta Dias”, pois os acontecimentos que acometem a narrativa são extremamente intensos e provocam no leitor a sensação de imprevisibilidade que também surpreende a personagem Alice.

O enredo de “Quarenta Dias” apresenta a personagem que, ao deixar sua cidade natal (João Pessoa- PB) para morar em Porto Alegre- RS, cede mais uma vez aos desejos da filha, que agora decide engravidar, restando à “mainha” o título e função de avó, mesmo que contra a vontade. Alice precisaria se despir de tudo que ela era, fazia e vivia, abrindo mão de si mesma. A mudança abrupta marca, cronologicamente e psicologicamente, a transfiguração de uma personagem que, ao fugir da realidade, também foge da antiga Alice. É importante destacar que, para Aristóteles, a peripécia é quando a ação resulta no contrário do esperado, segundo a verossimilhança e a necessidade. Ao fugir do esperado pela filha e pelos familiares, Alice age de maneira contrária ao esperado, mas mantém a verossimilhança com a construção da personagem autêntica que ela representa, o que se mostra no trecho:

Sai, em busca de Cícero Araújo ou sei lá de quê, mas sem despir-me dessa nova Alice, arisca e áspera, que tinha brotado e se esgalhado nesses últimos meses e

tratava de escamotear-se, perder-se num mundo sem porteira, fugir ao controle de quem quer que fosse. (REZENDE, 2014, p.95).

A mudança causada no curso da narrativa pela protagonista, ao empreender a fuga do espaço burguês de classe média em que se encontrava, para enveredar pela periferia da grande cidade, representa a peripécia que marca as mudanças psicológicas e físicas da personagem. Desse modo, a cidade é apresentada no romance enquanto um espaço que irá externalizar o caos psicológico, familiar e social vivido pela personagem e pelos inúmeros brasileiros que ali fazem “morada”.

Alice, alimentada pelo pedido da prima para sair em busca do então Cícero Araújo, faz do seu conterrâneo seu passaporte para se perder na imensidão dos centros e subúrbios de Porto Alegre -RS, passando a viver nas ruas. Naquele momento, ela aceitaria tudo menos voltar para aquela vida de “boneca Barbie” humilhante e medíocre.

A cidade no romance contemporâneo passa a ser palco para ascensão de diversas culturas, povos e manifestações. A cidade é a representação do indivíduo em meio à multidão, sendo este a representação metafórica do seu meio e de tudo que a sociedade faz emergir a partir do ambiente urbano. Segundo Certeau (2001), a cidade constitui-se um sujeito universal e anônimo, como fruto das relações reais que permeiam as experiências e os fenômenos urbanos.

Assim, as ruas de Porto Alegre que, por vezes, lembravam as ruas de João Pessoa, as pessoas, que eram ou lembravam os nordestinos (brasileirinhos), as histórias, crenças e martírios que por vezes lembravam os brasileiroinhos são mecanismos tecidos cautelosamente por Maria Valeria Rezende, a fim de permitir que Alice viva uma experiência capaz de devolvê-la para si mesma, mas não para a antiga Alice, uma Alice que ao se lançar no escuro “Lá vou eu, bicho entranho e terra estranha” (REZENDE, p. 105) e, conseqüentemente, ao adentrar no íntimo dessa cidade, rompe com estruturas solidificadas e doloridas do seu próprio íntimo.

Esse trânsito que acomete a narrativa lembra-nos as palavras de Brait (1985, p. 47) ao afirmar que “[...] as personagens de um romance agem umas sobre as outras e revelam-se umas pelas outras... [...]. E desse modo, a cada espaço que Alice passava, a cada “brasileirinho” que ela conhecia, a personagem ia ganhando novos traços, novos modos e uma nova perspectiva que a faziam ver o mundo por outro ângulo, refletindo não apenas sobre sua existência, mas sobre a existência humana, como vemos no seguinte exceto:

Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas, quase invisíveis para quem vive na superfície pra cá e pra lá, às vezes à toa e de novo pro fundo, rodoviária, vilas, sebos, e briques, alojamentos, pronto-socorro, portas de igreja, de terreiros de candomblé, procurando meus iguais, por baixo dos viadutos, das pontes [...] vendo o mundo de baixo para cima, dos passantes, apenas os pés. (REZENDE, 2014, p. 235).

A construção de Alice se dá assim, fundamentalmente atrelada às peripécias empreendidas por ela na viagem que faz do centro para a periferia; de si ao outro; do encontro com o outro para o encontro consigo mesma. Estes acontecimentos moldam a caracterização física e psicológica da personagem ao longo da narrativa. É importante lembrar que a palavra “peripécia” vem do grego *peripateia* e seu significado está relacionado às mudanças repentinas que aconteciam com os personagens das tragédias e dos dramas gregos. As peripécias são comuns nos romances históricos, românticos, de aventura ou nas biografias.

Dessa forma, a escolha da narrativa diarística e o emprego de um enredo de peripécias marcado por ações repentinas e inesperadas, são fundamentais para a construção da personagem Alice. Além desses recursos, a intertextualidade é outro elemento fundamental na configuração da protagonista.

2.2 A intertextualidade na construção da personagem no romance contemporâneo

O romance “Quarenta dias”, de Maria Valéria Rezende, é permeado por inúmeras simbologias e aspectos voltados para a intertextualidade, recurso muito bem explorado pela autora, o que nos permite compreender o pensar e agir da protagonista Alice no decorrer do romance. Estamos concebendo a intertextualidade aqui como é definida por Samoyaut (2008, p.47), que diz que:

A literatura se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi. Ela a exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto. (SAMOYAUT, 2008, p.47)

Dessa forma, analisaremos de que maneira o diálogo entre os personagens e as confissões de Alice para Barbie transpassam a espaço da narrativa, agregando ao enredo a figura e o discurso de outros personagens pertencentes a outras narrativas e espaços.

A chegada de Alice na capital sulista vem junto com um turbilhão de sentimentos e perguntas que a tiram da sua anterior condição aparentemente passiva e a colocam em uma busca incessante, a fim de compreender como as coisas caminham a tal ponto e quem é ela, enquanto resultado de toda aquela “loucura”. Na tentativa de buscar respostas e assimilar tudo o que está acontecendo, Alice busca elementos externos à narrativa, que possam negar ou referenciar seus sentimentos e/ou sua situação naquele novo contexto. Dessa forma, Rezende permite que Alice materialize e projete sentimentos, circunstâncias e situações a partir de outros personagens e discursos que são transpostos à narrativa, justamente para auxiliar nessa construção da própria personagem.

Alice, protagonista da obra “Alice no país das maravilhas” do romancista Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), conhecido pelo pseudônimo de Lewis Carroll, é bastante referenciada por sua “xará” Alice em “Quarenta dias”. Uma das maiores representações da literatura nonsense⁵, *Alice in Wonderland* foi publicado em 1965 e se tornou um dos maiores clássicos da literatura infanto-juvenil, vindo a conquistar pessoas de todas as idades.

A corajosa e inteligente protagonista que inspirou a “Alice de Quarenta dias”, foi sendo construída pelo autor a partir dos estereótipos típicos de uma família nobre e tradicional do século XIX. No filme, a jovem foge de sua própria celebração de noivado, após avistar um coelho falante e cair em um abismo que a leva para um mundo onde a lógica e racionalidade não funcionam. A semelhança entre as duas personagens não fica apenas nos nomes. A Alice de Carroll não vive para si, mas sempre em função de segundos ou terceiros que insistem em tomar decisões pela menina, o que lhe causa desconforto e um certo apagamento de sua identidade, uma vez que ela não consegue ser quem ela realmente é, fato que a aproxima da Alice de Rezende no romance “Quarenta dias”.

Desse modo, durante os quarenta dias de andanças pelas ruas de Porto Alegre, Alice em afirma estar “à deriva de corpo e alma...” (REZENDE, p. 102) é, assim como sua xará em “Alice in Wonderland”, ela afirma que o tempo não é marcado a partir das horas ou dias, mas sim pelos acontecimentos que levam as personagens a vagarem pelo desconhecido através de portas, frechas e novos caminhos que conduzem a narrativa. “Esse já não eram propriamente caminhos, eram sucessivos buracos, frestas, rachaduras na superfície da cidade pelas quais eu ia passando de mundo em mundo, ou era vagar por mundo nenhum...” (REZENDE, p. 102).

⁵ O nonsense se assemelha a um conto de fadas tradicional só que de maneira invertida. Todas as regras do mundo nem sempre são compreensíveis, ou seja, a física que move o mundo não é a nossa física. Ela é aquilo que o autor quer que ela seja. Acesso: <https://casadokhellendros.wordpress.com/2013/03/17/a-literatura-nonsense/>

Essa sensação de estar e de sentir-se perdida representa a forma não linear dos acontecimentos a partir do momento em que ambas as personagens se arriscam em uma realidade totalmente distinta do habitual, na tentativa de fugir de tudo que elas renegam e que as aflige.

Na obra de Carroll, Alice é uma menina astuta e questionadora e a cada capítulo ela se torna mais perspicaz diante das situações, refletindo inclusive sobre o seu agir diante da narrativa, característica muito comum à personagem Alice de Rezende, que surge sempre se questionando, muitas vezes até fazendo uma espécie de auto julgamento enquanto escreve sobre si. A ausência de linearidade presente em ambas as narrativas não é vista apenas no espaço externo das histórias, mas, principalmente, no psicológico das duas personagens.

O trajeto realizado pelas personagens, tanto pelas ruas de Porto Alegre- RS quanto pelo País das maravilhas, instigam-nas a refletir sobre coisas que antes eram incompreensíveis diante das condições em que elas estavam, inclusive diante de toda a sensação de “sufocamento”, algo que é intensificado com imagens e aspetos audiovisuais no Filme Alice no País das Maravilhas (2010) dirigido por Tim Burton e cujas semelhanças podemos observar/ analisar no trecho seguinte:

... os olhos atentos aos possíveis tropeços ladeira abaixo, eu duvidando do pra-baixo-todo-santo-ajuda, a cabeça finalmente livre pra me dar conta de ter-me metido numa espécie de aventura e, como minha xará despencando por um poço a parecer sem fundo, sem vontade nenhuma de parar, porque desde aquela manhã, no meio da agitação que eu mesma causara com a minha pergunta, vinha ganhando uma calma por dentro que havia muito não sentia... (REZENDE, 2014, p. 120).

Durante o período em que Alice busca pelo conterrâneo Cícero Araújo pelas ruas de Porto Alegre, alguns personagens são lançados à narrativa a fim de ajudar o percurso da protagonista pela cidade desconhecida. Sem esses personagens, Alice dificilmente teria voltado para casa ou sobrevivido as mais adversas situações próprias de quem perambula pelas ruas e avenidas sulistas dia e noite. O mesmo aspecto também é comum à narrativa de “Alice no país das maravilhas”, pois a garotinha tanto adentra quanto percorre o jardim encantado com o auxílio de personagens que conduzem e ajudam a menininha a compreender coisas que antes fugiam à sua percepção, em uma andança insana e frenética tal como a de Alice de “Quarenta dias.” Personagens como o coelho ou do chapeleiro maluco de “Alice no país das maravilhas” desempenham funções parecidas com a de Elizete, Lola ou Arturo no romance de Rezende.

As marcas da intertextualidade que aproxima personagens de universos aparentemente tão diferentes é citada de forma expressa e direta através do discurso da própria Alice, em “Quarenta dias”, ao referir-se, por exemplo, a Arturo, personagem bem excêntrico que lhe oferece apoio e demonstra um certo afeto por ela durante os dias em que viveu na condição de moradora de rua. Se observarmos, veremos na figura de Arturo um comportamento bem parecido com o do chapeleiro maluco em “Alice in Wonderland”. Desse modo, durante as andanças de Alice pelas ruas de Porto Alegre, quase que como em uma espécie de “romaria”, ela conhece o tal Arturo que, também na condição de morador de rua, age de maneira afetuosa e gentil ao encontrá-la dormindo debaixo de uma espécie de ponte. Alice, ao lembrar de Arturo, relembra também sua primeira noite dormindo literalmente na rua e como aquela figura gentil a acordou com uma oferta de chá quente. Tal episódio nos remete ao encontro de Alice com o chapeleiro maluco na narrativa de Carroll. Vejamos no seguinte trecho:

Eu dormi, Barbie, pela primeira vez eu dormi na rua, literalmente, de verdade, a noite quase toda, até começar a clarear lá fora. Foi o chapeleiro que me acordou, sacudindo o meu ombro, com fala arrevesada: “Cha bem a chente do pan y do café, no pede esse pan com café desses pibes, é bueno, é quente, conforta, son pibes buenos.” (REZENDE, 2014, p. 224).

Chapeleiro é a maneira como Alice se refere a Arturo por vezes na narrativa de Rezende, justamente por ambos os personagens apresentarem um comportamento semelhante em um contexto que também se aproxima. Em um dos momentos, Alice tenta convencer o amigo a voltar para a Argentina, em busca da família, alegando que lá todos poderiam estar preocupados com o seu desaparecimento e com a falta de informação, mas Arturo, tanto quanto o chapeleiro do “País das maravilhas”, queria viver seu mundo a partir da realidade que ele mesmo criara, renegando e mostrando um comportamento bem adverso sempre que alguém sugeria algo do tipo. Podemos observar essa referência em uma das confissões de Alice para seu diário e confidente Barbie:

... eu falando, falando, sem olhar pra ele, até que ele se levantou, tremendo, me expulsando pra longe, e então vi a loucura expulsando qualquer ternura dos olhos arregalados, “Estás loca, me agarran, me matan e a todos os míos, no digas nada a nadie, sai, sai daqui, loca, loca!”, gritava. Fugi correndo, pedindo a todos os santos que o acalmassem, que me perdoasse, que não sumisse dali. Por três dias espiei, escondida entre os arcos do outro lado, até ter certeza de que estava tranquilo, meu chapeleiro louco de antes... (REZENDE, 2014, p. 237).

A intertextualidade é um recurso bastante explorado por Maria Valéria Rezende, uma vez que ela não só traz personagens de outros autores, como também “resgata” personagens de suas próprias narrativas em seus romances, contos, dentre outros. Isso não só ressalta a predileção da autora por esse recurso como também reitera o modo como as personagens são o resultado das articulações provenientes do enredo e da maneira como a autora articula os elementos, pensando na construção da personagem em toda a sua completude.

Vale a pena ressaltar que no decorrer do romance “Quarenta Dias”, as marcas de intertextualidade ocorrem, também, através de outras narrativas, inclusive as de cunho popular, a exemplo das histórias contadas no sertão paraibano que, por vezes, Alice lembra ao ouvir as pessoas contando os causos em meio as suas andanças pela Vila Maria Degolada, como vemos no exceto: “Depois fui lembrando as histórias contadas e recontadas pela minha avó, de um Sãozinha, que morreu cedo, nem sei de quê, e virou santa lá na terra dela [...] (Quarenta Dias, 2014, pág. 121)” ou no trecho:

A canonização popular de Maria Degolada, vê-se, não teve sucesso junto a prefeitos e bispos, mas a fé e as dores solicitando infinitas graças eram, decerto, as mesmas, como as velas e as flores, os ex-votos. Tão fácil e rápido canonizar santo de pobre! (Quarenta Dias, 2014, pág. 121)

Nesse aspecto do enredo, a intertextualidade que parte de causos comuns e próprios da Paraíba resgatam e ressignificam a identidade de Alice, ressaltando a maneira como nossa identidade é construída e ressignificada ao decorrer das experiências e situações que vivenciamos e/ou compartilhamos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero romance trouxe para a literatura uma nova concepção de escrita e de leitura, abrindo espaço para diversas discussões e questionamentos que são inerentes às produções. A narrativa romanesca rompeu e ainda rompe com diversos paradigmas, tirando-nos da condição de passividade enquanto leitores e nos propiciando verdadeiras experiências literárias. Vivenciar mulheres, dando vozes, cores e traços às personagens na narrativa é uma conquista que, de fato, ultrapassa o âmbito literário e nos faz compreender a importância da literatura, à medida em que essa impulsiona e reconfigura uma nova sociedade, visando abrir cada vez mais espaços para produções de autoria feminina.

Ler, analisar e compreender a construção da personagem, figura emblemática no romance, é permitir-se trilhar um mundo de possibilidades, resultado de diversos mecanismos que são muito bem pensados e articulados pelo autor. Não se trata de uma cópia ou imitação do real, notamos que existe uma aproximação com a realidade, mas é também o resultado de combinações de recursos, que emergem a partir do enredo.

Certamente, o uso da narrativa diarística, das peripécias e da intertextualidade é fundamental na construção da personagem protagonista. O diário, de longa tradição literária, vem sendo retomado na contemporaneidade por vários autores estrangeiros e nacionais, na esteira das produções denominadas “escritas de si”. Este tipo de estratégia narrativa representa uma escrita da intimidade, trazendo reflexões e testemunhos de momentos de dor, intimidade e superação. Em “Quarenta Dias”, além do relato íntimo da personagem, o diário se configura como o meio para a (re)construção psicológica da personagem.

No caso das peripécias, essas representam os desafios da personagem, que envereda por uma viagem não só geográfica e espacial, mas também psicológica de si a si mesmo. Assim como na tragédia grega, representa a mudança de destino da personagem. Condenada a papéis fixos como o da avó, Alice rompe com o determinado, com o esperado e empreende uma travessia pelo desconhecido até saber quem é e o que deseja para si.

Por outro lado, a intertextualidade nos propicia dialogar com outros espaços, com outros discursos, com outras perspectivas, que a princípio podem parecer muito diferentes da nossa, mas que na verdade falam de nós, mesmo que em outro idioma, em uma outra região ou com outros personagens. Os dilemas são o que nos unem, não importa onde estamos ou com quem estamos somos resultado de tudo que nos adentra e que nos afeta, direta ou indiretamente. Alice, em “Quarenta Dias”, é essa personagem em constante construção, pois a maneira como a autora usa da intertextualidade desafia os limites da própria personagem e de nós, enquanto leitores. A fim de revelar através da ficção e da personagem a mesquinhez humana, que nos impede de olharmos uns aos outros com empatia e compaixão.

Por fim, consideramos que as personagens marcantes no campo literário sempre inquietaram, provocaram e fizeram o leitor sair da sua zona de conforto. É assim que vemos a Alice de Maria Valéria Rezende. Uma protagonista que nos impulsiona à novas experiências.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem** — São Paulo- SP, Ed. Ática, 1985.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: **A personagem de Ficção**, São Paulo: Perspectiva 2007 (coleção debates). ISBN: 978-85-273-0164-0.

DALCASTEGNÈ, Regina. **Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea**. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 21, p. 33-53.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo- SP, Ed. Ática, 2002.

GOMES, Renato C. **Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, V. M. F. DE. **A Construção do Conceito de Identidade Urbanística como Contribuição ao Campo do Desenho Urbano**. Cadernos do LINCC, v. 3, n. 3, p. 160-182, 11.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Um novo retrato do Brasil no romance Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende**. Olho d'água, São José do Rio Preto, v.11, n 1, p. 193-207, 2019. INSS 2177-3807.

RESENDE, Beatriz Vieira de. DAVID, Nismária Alves. **A cidade e a escrita do corpo em Quarenta dias**. (ISSN 2358-9566) Vitória, n. 30, 2016/2.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Objetiva 2014.

SAMOYAUULT, Tiphaine, 1986. **A intertextualidade / Tiphaine Samoyault**; tradução Sandra Nitrini.- São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. 160 p. – (Linguagem e cultura; 40)

SOUZA, Beatriz Alves. PEDRO, Joana Maria. **TRAJETÓRIA DAS MULHERES BRASILEIRAS NA CARREIRA DAS LETRAS: ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos**. v. 25 n. 1 (2012)

TODOROV, Tzvetan a, 1 939-. **Às estruturas narrativas / Tzvetan Todorov** [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006.